

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O povo brasileiro

Paulo Wilton Xavier
paulo.wiltonxavier@hotmail.com

Diferentemente de outros anos, o 1º de maio de 2026 foi marcado por uma atmosfera de questionamento, começa a ganhar densidade uma reflexão inadiável sobre os próprios regimes de trabalho, seus limites e sua compatibilidade com a dignidade humana, à medida que diferentes setores da sociedade civil, do meio acadêmico aos movimentos sociais e institucionais, se mobilizam em torno do debate sobre o fim da escala 6x1, não como ponto de chegada, mas como ponto de inflexão de uma revisão mais profunda.

Darcy Ribeiro na vanguarda do Trabalho não só pensou o povo brasileiro como tentou organizá-lo, compreendeu com rara lucidez ao chamá-lo de “Nova Roma” não um eco do passado, mas uma civilização inédita, “Latinizar” os povos, forjados na confluência de mundos diversos que aqui se reinventaram. Reconhecer que tal regime é uma das expressões de uma engrenagem histórica mais ampla,

aquilo que Darcy denunciava como uma verdadeira máquina de moer gente, que, desde a formação nacional, consumiu vidas indígenas, africanas e populares para sustentar privilégios.

Enfrentar essa herança não é apenas reformar jornadas, mas redefinir o trabalho como base de cidadania, e é nesse despertar que se viabiliza o Brasil como uma Nova Roma, como bem disse assim o sábio: “Somos nós que representaremos a tradição romana no concerto dos povos dos próximos séculos e milênios. Nós o faremos simultaneamente com a tarefa maior de nos modernizarmos, de dominarmos as mais avançadas ciências e técnicas para realizar, em grandeza, nosso destino de futura civilização latina, morena e tropical. Orgulhosa de ser a Nova Roma, uma Roma melhor, porque lavada em sangue índio e em sangue negro. Há quem conteste nossa romanidade. Tolice. Se não somos nós que encarnamos Roma, quem será? Apenas aceito um reparo, o de que o nós da identificação romana se refere a toda a América Latina.”

Destino

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

Quando acordou, Galapladia vestiu-se às pressas e correu até o batente de onde sairia seu navio. Deixou o corpo suado, que usou para aliviar-se daquela sedução descomunal que chamegou seus cabelos e corrompeu seu corpo com gotas densas caídas da nuca até o invólucro do vestido apertado. Teve duas horas de distração enquanto o navio, com sua cabine marcada, deixava o cais volumoso da agitada cidade caribenha rumo às terras da Espanha. Em seu posto, atracou outra embarcação, de cor azul, parecida, que, se não foi um descuido ao retirar a placa empoeirada de fundo amarelo com letras azuis, foi um desdobramento das escolhas das últimas horas.

Enfeitou-se com seu melhor sorriso, afastando, fila a fora, os escombros de pessoas perdidas que tentavam, com mãos eufóricas, lançarem-se a qualquer destino disponível, e não percebeu que os cabelos ondulados daquele homem charmoso foram apenas uma petulante distração para suas mãos ligeiras, que drenaram suas economias enquanto a induzia ao delírio.

Subiu com rapidez de quem não guarda incerteza; tanto foi que na passagem trêmula de gritos, passos e empurrões, não deixou dúvida do seu natural pertencimento àquela proa. Despediu-se dos desconhecidos que estendiam as mãos em sinal de adeus, indicando à terra sua partida. Caminhou até o segundo piso, passando pelas escadas circulares, onde, decerto, encontraria seus aposentos e suas duas malas brilhantes com roupas para um mês, se precisasse.

A porta estava encerrada; bateu um, três vezes. Ninguém veio de lá. Enquanto seguia para a administração para reclamar a abertura do seu leito, surgiu no corredor um casal entusiasmado, que ela saudou enquanto ele seguia na direção oposta. Disfarçou, com os olhos dirigidos aos quadros empoeirados às pressas no longo corredor pintado de branco, com uma faixa vinho-escuro que seguia até a altura do peito, a entrada do casal no quarto, com sua numeração. O sorriso deu lugar a um vazio; sentiu a frieza baixar em seu corpo e a liquidez desceu como única forma de expressão em sua face. Tomara o navio errado.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Azul

Marcela Alves
Aluna do 3º ano do Ensino Médio do IFMG campus Ribeirão das Neves

Azul, uma cor tão bonita,
porém fria. E triste.
Talvez seja por isso que gosto tanto do azul,
seja pela sua tristeza, ou pureza exalada.
Azul me lembra o mar: calmo e solitário,
Me lembra das despedidas tristes antes de zarpar.
Mas o mar também é intenso e profundo,
tão profundo que nem todo mundo consegue decifrar.
Azul, em resumo,
é tristeza e frieza,
é pureza e delicadeza,
é intensidade... e realza.
Realeza essa que se apropriou do azul:
“sangue azul”.
Nunca concordei com essa expressão.
Parecia que o azul era exclusivo da nobreza.
Eu também queria ter sangue azul,
mas não por realza.
Acho que queria que o sangue fosse da cor das veias,
e que, quando me machucasse,
tudo ficasse azul.
Não me entenda mal,
acho o vermelho uma cor sensacional.
Mas o azul combinaria mais com minha alma,
que clama e pede ajuda,
porém, ninguém escuta.
Talvez, se eu fosse azul,
me levariam a sério.
Dizem que, quando você para de respirar,
tudo fica azul.
Será que quer dizer que tudo fica frio?
Ou triste?
Não sei.
Mas gostaria de ver tudo azul.



Azul, em resumo, é
tristeza e frieza, é
pureza e delicadeza, é
intensidade... e realza.



Quaresma sem ruídos

Elias Oliveira
Controllor

Sempre me considerei alguém bem informado, mas precisei de um silêncio digital para perceber que o tempo gasto em redes sociais, principalmente nos vídeos curtos, gerava mais ruído do que conhecimento ou entretenimento de qualidade. Diante desse excesso de ruído, decidi aproveitar o período da Quaresma para uma penitência (será?): quarenta dias desconectado das redes sociais.

O que começou como uma “penitência” revelou-se no decorrer do processo como uma verdadeira dádiva. O vício de buscar o telefone em qualquer minuto de tédio para repassar nas redes sociais foi, aos poucos, substituído por algo que eu havia deixado de lado: a leitura mais profunda dos jornais. Deixei de ser um espectador

passivo dos conteúdos impostos pelos algoritmos para retomar o poder de escolha.

Aos 33 anos, descobri o prazer de analisar reportagens e crônicas logo cedo de manhã, como faziam os velhos Incas e Astecas (rsrs)... Li sobre geopolítica, cultura, economia e grandes obras literárias, sentindo-me, pela primeira vez em muito tempo, blindado contra o que é irrelevante, contra o que é apenas ruído.

A Quaresma terminou, mas a rotina que escolhi manter não. Aprendi que, em um mundo saturado de distrações, a verdadeira liberdade é poder decidir o que realmente merece a nossa atenção. Em um mundo que tudo é muito líquido, devemos decidir bem como vamos alocar o nosso tempo. Menos ruído, mais profundidade, a leitura dos jornais é o hábito que pretendo carregar adiante.

Não se cale

Wivyna Freitas
Ex-Correspondente O POVO

Você não é nada sem mim
Olha o que você me faz fazer
Cala a boca quando eu tô falando
É exagera demais, ninguém aguenta isso

É tudo culpa sua

Mas ninguém nunca vai te amar como eu
Aguenta, porque pior seria sem mim
Isso só acontece porque você provoca
Se você fosse diferente, eu não faria isso

Fica na sua
O problema sempre é você
Ridícula, ninguém te leva a sério
Tá vendendo? Você estraga tudo
Eu sou a melhor coisa que te aconteceu

Duvido você conseguir sem mim
Olha pra você, quem vai te querer assim

Quem vai acreditar em você?
Uma hora você aprende do jeito difícil
Eu faço isso porque te amo

Para de drama
Eu nunca disse isso
Ninguém vai ficar do seu lado
Se sair, não volta mais
A culpa é toda sua

Deixa disso, você exagera
Eu só quero o seu bem
Ninguém vai te querer como eu
Uma mulher como você vai longe
Não testa minha paciência
Cala a boca e me respeita
Isso é culpa sua
Eu decido o que é melhor pra você

Começa aos poucos, corroendo a autoestima, confundindo sentimentos e fazendo com que ela duvide de si mesma, da própria dor, da própria realidade, até que o silêncio parece mais seguro do que falar, mas nenhuma forma de violência é amor. Nenhuma mulher nasceu para suportar o que a destrói por dentro, sair não é fraqueza é um ato de coragem que exige enfrentar medos invisíveis para quem nunca viveu. E, por isso, é urgente quebrar o ciclo, escutar sem julgar, acolher sem questionar, porque por trás de cada silêncio existe uma história que precisa ser ouvida e nenhuma mulher deve caminhar sozinha no meio da própria dor.